

Apresentação

É muito provável que, num futuro próximo, o ano de 2022 seja lembrado não somente pelas efemérides do bicentenário da Independência do Brasil e do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, mas também pelos seus diversos acontecimentos sociais e políticos que estremeceram e chocaram o país.

No ano em que a sociedade brasileira decidirá em pleito eleitoral os rumos da nação, que sofreu na carne com as mais de 600 mil mortes devido à má administração governamental da saúde durante a pandemia de Covid-19, lidamos com assassinatos brutais de imigrantes como o congolês Moïse Kabaganbe, de indigenistas como Bruno Pereira e Dom Philips e de muitos “Marcelos Arruda”, acoitados, feridos e mortos por motivações políticas. Presenciamos a defesa da legalização de partidos nazistas feita por comunicadores e parlamentares durante um *podcast* ao vivo, sob o argumento da liberdade de expressão, e a demonização das religiões de matriz africana. Assistimos ao ataque a mulheres, registrado pelo aumento expressivo do feminicídio e da violência doméstica, pela exposição pública e recusa ao atendimento com medidas já previstas em lei, aos corpos violados sexualmente, e as inúmeras tentativas de silenciamento, exemplificado em um debate televisionado de presidenciais.

Diante de tantos casos de ódio contra negros, indígenas, mulheres, LGBTQIAP+, imigrantes, dentre outras minorias que representam a diversidade brasileira, nos questionamos: Somos de fato independentes? Somos livres para expressar as nossas diferenças culturais?

Na 22ª edição da MOSAICO, apresentamos um Dossiê com artigos e pesquisas acadêmicas que propõem uma reflexão decolonial neste momento de marcos históricos e efemérides.

O Dossiê é aberto com o texto de Marcos Vinicius Vieira Coutinho, que busca resgatar a história e a memória do protagonismo das irmandades negras no papel de produtoras do espaço urbano do Rio de Janeiro Setecentista e retirar do silêncio os saberes produzidos por grupos historicamente marginalizados na

sociedade colonial carioca.

Gladir da Silva Cabral e Lucas Garcia Nunes trazem uma reflexão sobre o racismo recreativo, tendo em vista a prática da *blackface*, de modo a questionar algumas consequências do projeto colonial, em especial como a dinâmica da branquitude impôs a manutenção de privilégios e a restrição de acessos, gerando exclusão, ausências e desigualdades, sem deixar de apontar para as manifestações culturais como prática de resistência.

Sob o aspecto da produção cultural, Carla Carolina Moura Barreto analisa a obra literária vencedora do Prêmio Jabuti 2021, “O avesso da pele”, do escritor brasileiro Jeferson Tenório, em busca de promover uma discussão sobre o racismo na sociedade brasileira atual, bem como sobre a violência policial contra o corpo negro que, frequentemente, é vítima de uma violência legitimada.

Passada a fase mais crítica da pandemia causada pelo novo coronavírus, as autoridades sanitárias não prestaram informações precisas sobre a relação do número de contaminados e mortos através de quesitos étnicos-raciais. Contudo, diversas pesquisas e estudos dão conta que a população negra foi, e ainda é, a mais atingida fatalmente pela doença. Amanda dos Santos Lemos propõe analisar as questões estruturais que fazem com que a população negra seja mais vitimada pela doença.

As possibilidades teóricas e metodológicas presentes na articulação entre História Atlântica e História Social do Trabalho é o tema do artigo produzido por Thompson Clímaco Alves, que ressalta os desafios, benesses e especificidades da intersecção desses dois campos historiográficos para a compreensão de classe trabalhadora e trabalho livre anterior ao século XX.

Com o objetivo de mostrar a importância da temática da diversidade de gênero no meio educacional, no momento em que o Brasil é regido por um contexto político repleto de antagonismos que visam reverter as conquistas e desmerecer a luta LGBTQIA+, Ludmila Ameno Ribeiro realiza uma revisão bibliográfica e documental acerca das contribuições da Teoria Queer para combater qualquer forma de intolerância, permitindo que os alunos dialoguem sobre o tema.

Recorrendo a conversas livres com lideranças, professores e gestores

indígenas na aldeia da Jandaiguaba em Caucaia-CE, Gisane Monteiro de Andrade, busca revelar a interculturalidade e a potencialidade decolonial da geografia indígena do povo Tapeba dando possibilidades para a produção de saberes híbridos decoloniais.

A partir da leitura de um dos módulos da exposição de longa duração do Museu Histórico Nacional, constituído no lastro das comemorações do Centenário da Independência, Karolline Pacheco Santos reflete sobre como a aquisição das peças-escombros do Museu das Remoções enreda outros sentidos a partir da perspectiva dos atingidos e promove leituras decolonizadoras do nosso processo de formação nacional, bem como do museu e suas práticas.

O Dossiê é finalizado com uma entrevista de Santo Cruz Mariano Clemente (Pu'cüracü, nome indígena) concedida aos integrantes do Conselho Editorial da MOSAICO, Bianca Luiza Freire de Castro França, Luiz Paulo da Silva Braga, Rachel Pereira Neves e Vitor Hugo Haidar da Silva. Pu'cüracü, é formado como professor rural pelo projeto Rondon da Universidade Católica do Rio Grande do Sul e graduado em Antropologia, Sociologia e Filosofia pela Universidade do Estado do Amazonas. Atualmente, é diretor do Museu Magüta no Amazonas. Em depoimento no qual recupera parte de sua experiência e trajetória política no Movimento Indígena, as falas de Santo Cruz nos convidam a refletir sobre a questão identitária como uma chave de leitura dos mecanismos de luta e de sobrevivência dos povos originários no Brasil contemporâneo.

Além dos textos relacionados com o Dossiê, e como resultado do grande esforço do grupo de discentes que se propõe a dar continuidade a este projeto acadêmico materializado através da MOSAICO, também apresentamos artigos livres, notas de pesquisas e resenhas representativos de diversas áreas das humanidades.

Por fim, queremos registrar que nesta edição contamos com a colaboração de 60 pareceristas, doutores e doutorandos vinculados a diversas instituições acadêmicas de todas as regiões deste país além de uma participação vinda de Portugal. Um mosaico representativo da grande diversidade brasileira.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Conselho Editorial da Revista MOSAICO